

Individuals Presenting Without Partners at a Sexual Dysfunction Clinic: Psychological and Physical Morbidity and Treatment Offered **1**

Resumo e Comentários de Oswaldo Martins Rodrigues Júnior¹

CATALAN, J.; HAWTON, K.; DAY, A., Individuals Presenting without Partners at a Sexual Dysfunction Clinic: Psychological and Physical Morbidity and Treatment Offered. *Sexual and Marital Therapy* 6(1): 15-24, 1991.

Os autores apontam para a pouca descrição, na literatura, de pacientes que procuram tratamento para disfunções sexuais, sem ter uma parceira sexual.

Foram estudados 48 pacientes consecutivos em um período de dois anos (19% dos *pacientes*) que não se apresentaram para o tratamento com suas parceiras. Porém tinham parceira sexual regular 71% dos pacientes. Os pacientes passaram por entrevista detalhada e avaliação orgânica, avaliação psiquiátrica, Questionário de Saúde Geral (Goldberg e Hillier, 1979), Escala para Ansiedade de Depressão de Leeds (Snaith e cols., 1976). A idade dos homens (67%) variou de 20 a 62 anos e das mulheres (33%) de 18 a 52 anos, não diferindo dos outros pacientes que procuraram a clínica em casal. Não havia diferença de classe social entre os homens e as mulheres que procuraram o tratamento sem a parceira sexual, ou daqueles que o fazem

1. Psicólogo clínico; terapeuta sexual do Instituto H. Ellis (SP); co-diretor do curso de Especialização em Sexualidade do Centro de Estudo em Sexualidade Humana (SP); diretor secretário adjunto da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH, 1991-93); supervisor do atendimento psicológico e responsável pelo preparo teórico de estagiários do Ambulatório de Sexualidade Humana do Hospital Ipiranga (SP).

com suas parceiras. A maioria dos pacientes foi referida por clínicos gerais (58%), ginecologistas (10%), psiquiatras (6%) e médicos de hospitais (8%). Entre os homens, 69% queixavam-se de disfunção erétil e 22% de ejaculação prematura; entre as mulheres, 44% queixavam-se de disfunção orgásmica e 31% de inadequação quanto ao desejo sexual. O problema sexual durou mais.

nas mulheres (9 anos) que nos homens (5 anos). A motivação das mulheres sem parceria sexual, com queixa do desejo sexual, aparentou ser maior do que aquelas com parceria sexual (que tinham mais motivação com queixa de vaginismo). Não se encontraram diferenças significativas quanto a relacionamento conjugal e status psiquiátrico, apesar das mulheres aparentemente serem menos psicopatológicas que os homens sem parceria sexual. Desordens orgânicas foram mais comuns em homens (28%) e raras nas mulheres. Em ambos os segmentos havia a mesma proporção de pessoas sob medicação, embora as mulheres o faziam por contracepção (pílula).

O paciente que se apresenta para tratamento em sexualidade em clínica na Inglaterra tem o mesmo perfil, venha com ou sem sua parceira sexual usual. Pertencem a classe econômica mais alta e procuram mais facilmente por ajuda de forma direta e verbalizada, o que os conduz a um especialista. Devido à popularização do tratamento de casais em terapia sexual, indivíduos sem parceria sexual devem procurar menos tratamento.

Há mais homens do que mulheres procurando tratamento para problemas sexuais sem a presença de parceria sexual. Talvez porque o homem tenha mais facilidades em procurar ajudar profissional do que a mulher, a qual talvez procure soluções para problemas mais abrangentes que, e que também venham a resolver seu problema sexual.

A maior proporção de mulheres com queixas orgásmicas pode ser explicada pela divulgação da possibilidade de se treinar alcançar orgasmos através da imprensa leiga.

O aconselhamento breve individual foi o tratamento mais indicado por não haverem alternativas pela ausência de parcerias.

Os autores concluem pela necessidade de atenção dos terapeutas aos pacientes que se apresentam sós para terapia sexual, da utilização de técnicas para estes pacientes e de informações às fontes de referência (médicos clínicos gerais e outros), de que é possível tratá-los sem a presença de suas parceiras sexuais.

Os autores ponderam o quadro sociocultural para entenderem um grupo proporcionalmente pequeno (19%) que procura tratamento para disfunções sexuais. Tais explicações parecem inverter-se em nossa população brasileira, onde em clínica particular a maioria de

homens não aceita ou admite a participação de sua parceira sexual no tratamento das disfunções sexuais (Rodrigues Jr., Andrade e Costa, 1990). Devemos aventar duas condições para estes fatos:

- divulgação inadequada dos tratamentos para disfunções sexuais.
- fontes de referência desconhecedoras das formas de tratamento mais adequadas e dificuldades em fazer a adequada referência.

É importante salientar que os autores apontam para a possibilidade de tratar quem procurar o profissional sem a parceira, o que raramente é sequer citado nos livros-textos em terapia sexual, que salientam o tratamento do casal.

Saliente-se também a consideração pela mídia, do trabalho do terapeuta sexual que deve influenciar em muito o trabalho do profissional e o entender das possibilidades pelos possíveis clientes.

Estes pontos merecem ser considerados pelos profissionais da área de sexualidade humana também em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GOLDBERG, D.; HILLIER, B. F. A Scale of the General Health Questionnaire. *Psychological Medicine* 9:139-45, 1979.
2. SNATTH, R. P.; BRIDGES, G. W. K.; HAMILTON, M. Leads Scale for the Self Assessment of Anxiety and Depression. *British Journal of Psychiatry* 128:156-65, 1976.
3. RODRIGUES, Jr., O. M.; ANDRADE, V. L.; COSTA, M. Prevalência de Dificuldades Sexuais em Parceiras de Homens Sexualmente Disfuncionais. *R.B.S.H.*, 1(1):75-83, 1990.